



LILIAN MORAIS
Contemporary Art Portfolio

***Nem toda imagem
procura ser compreendida
de imediato. Algumas
exigem permanência.***



Introdução

Minha pesquisa parte da compreensão de que o feminismo ultrapassa a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Entendo o feminismo como um compromisso ético com a vida em todas as suas formas.

Esse compromisso se manifesta na defesa dos corpos femininos, dos povos originários, das florestas, dos rios e dos territórios ameaçados pelas estruturas de poder que historicamente sustentam o patriarcado e a colonização.

Em minha pintura, esses sistemas aparecem como forças que fragmentam, controlam e exploram. O quadriculado torna-se o símbolo dessa lógica: representa a divisão da terra, o domínio sobre os corpos e a transformação da natureza em recurso econômico.

Em oposição a essa estrutura, a figura feminina simboliza aquilo que resiste. Ela representa o cuidado, a fertilidade, a proteção, a memória e a continuidade da vida. Não se trata de uma visão idealizada da mulher, mas da afirmação de valores que historicamente foram associados ao feminino e que considero fundamentais para imaginar outros futuros possíveis.

A exploração do ouro, o garimpo, o mercúrio, a invasão das terras indígenas e a expansão da monocultura são recorrentes em minha pesquisa porque evidenciam a permanência da violência colonial. São marcas de um modelo de desenvolvimento que compromete a biodiversidade e ameaça a continuidade da vida.

As plantas presentes em minhas obras não ocupam um lugar decorativo. Elas afirmam a resistência da natureza e sua capacidade de regeneração, mesmo diante da devastação.

Cada pintura nasce de uma inquietação diante de uma pergunta que atravessa toda a minha produção: Que futuro estamos construindo para a Terra quando patriarcado, colonização e consumismo continuam determinando nossa forma de existir no mundo?

Minha pintura não procura oferecer respostas definitivas. Ela convida o público a refletir sobre a responsabilidade coletiva de imaginar outras formas de relação entre humanidade, natureza e poder

Biografia

Lilian Morais (Cajazeiras, Paraíba, Brasil) é artista visual, publicitária e pós-graduada em Arteterapia Junguiana. Integra o corpo discente do Campo Psicanalítico, desenvolvendo estudos fundamentados na obra de Jacques Lacan. Nascida no sertão paraibano, radicou-se em Vitória da Conquista, Bahia, onde recebeu o título de Cidadã Conquistense, e desde 1990 vive e trabalha em Salvador.

Sua produção artística transita entre pintura, desenho, escultura, instalação e performance, constituindo uma pesquisa que investiga as relações entre memória, território, colonialidade e poder. A partir de uma perspectiva decolonial, sua obra problematiza os processos históricos de violência que marcaram a formação do Brasil, refletindo sobre a devastação ambiental, o genocídio indígena, a escravidão de povos africanos e a permanência das estruturas coloniais na sociedade contemporânea.

Sua formação artística foi consolidada no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), onde estudou com

artistas e professores como Almandrade, Caetano Dias, Edigar Oliva, Iza Monis, Waldo Robatto, Ayrson Heráclito e Zu Campos. Essa experiência contribuiu para o desenvolvimento de uma linguagem visual própria, caracterizada pela articulação entre pesquisa histórica, experimentação material e forte posicionamento ético e político.

A psicanálise ocupa lugar central em sua investigação poética. Dialogando com conceitos da psicologia analítica e da psicanálise lacaniana, Lilian compreende a imagem como um campo de elaboração simbólica capaz de tensionar narrativas históricas e produzir novas formas de percepção. Sua prática artística aproxima corpo, memória e inconsciente, transformando a experiência estética em um espaço de reflexão crítica.

Ao longo de mais de três décadas de trajetória, realizou exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior, participou de bienais e salões internacionais, desenvolveu performances, instalações e

intervenções urbanas e produziu esculturas monumentais e obras públicas. Seu trabalho integra acervos institucionais, entre eles o Museu de Arte Contemporânea da Bahia (MAC Bahia), o Museu São Bartolomeu, o Museu de Kard, em Vitória da Conquista, e a Igreja Nossa Senhora dos Mares, em Salvador.

Em 2018, recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Université Libre des Sciences de l'Homme de Paris (ULSHP), em reconhecimento à sua contribuição para as artes e a cultura.

Sua pesquisa atual, reunida sob o título Iconografia da Ruptura, propõe uma gramática visual da insubordinação, na qual a pintura deixa de representar a história para confrontá-la. Suas obras investigam como as imagens organizam as relações de poder e buscam construir novas iconografias capazes de romper com a lógica colonial, instaurando outras formas de imaginar a memória, o território e o futuro.

An abstract painting featuring a dense, textured composition. The left side is dominated by vibrant, saturated reds and magentas, with thick, expressive brushstrokes radiating from a central point. The right side is composed of dark, earthy tones—browns, blacks, and deep reds—with more vertical, linear brushstrokes. The overall effect is one of intense energy and complex layering.

Análise Crítica

ANÁLISE CRÍTICA

Lilian Morais

Zivé Giudice: Artista Visual. Foi diretor do Departamento de Museus e Artes Plásticas da Fundação Cultural do Estado da Bahia e foi diretor do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-Bahia)

Junho de 2026

A obra de **Lilian Morais** insere-se em uma vertente da arte contemporânea brasileira que transforma a experiência histórica e social em linguagem simbólica e política. Sua produção articula memória, corpo, território e ancestralidade por meio de uma poética visual marcada pela expressividade cromática, pela densidade simbólica e pelo compromisso ético com questões urgentes do presente brasileiro.

O aspecto mais contundente de sua obra talvez seja a capacidade de operar simultaneamente em dois campos: o da denúncia e o da elaboração poética. Lilian não produz imagens meramente ilustrativas da violência colonial ou patriarcal, tão pouco para mitigar as injustiças; ela cria atmosferas visuais em que essas estruturas aparecem incorporadas à própria matéria da pintura. A textura, os relevos e a sobreposição cromática funcionam como vestígios de uma memória histórica ferida. Nesse sentido, sua pintura não apenas representa a colonização – ela materializa suas cicatrizes.

A série “Decolonizando o Colonizador” é exemplar nesse processo. No recorte da história do Brasil sob uma perspectiva crítica, a artista desmonta a narrativa

tradicional da “descoberta” para evidenciar os mecanismos de extermínio ambiental, cultural e humano produzidos pelo colonialismo europeu.

Os elementos visuais recorrentes – o quadriculado que alude ao patriarcado, os corpos esbranquiçados que evocam apagamento e morte, os ocre e vermelhos associados às queimadas – constroem uma gramática simbólica coerente e sofisticada – repito, nada é meramente ilustrativo. Há uma dimensão quase ritualística em suas composições: as cores, figuras e cenários, parecem carregar uma memória coletiva sedimentada.

Embora sua obra esteja claramente comprometida com pautas de denúncia – patriarcado, misoginia, colonialismo, genocídio indígena, devastação ambiental – não comunga com o wokeísmo estéril e até pueril, que busca lugar de fala num monólogo inaudível e estéril. O que a distingue é que essas questões não aparecem como slogans ideológicos ou como simples adesão a um repertório discursivo contemporâneo. Em Lilian, há elaboração simbólica, densidade estética e experiência sensível. Sua arte não substitui a linguagem artística pela militância; ela transforma a militância em linguagem artística.

Formalmente, Lilian Morais desenvolve uma pintura de forte impacto emocional. Sua paleta intensa, frequentemente atravessada por contrastes entre tons vibrantes e áreas sombrias, produz tensão entre vida e destruição, permanência e desaparecimento. A expressividade cromática encontra correspondência na tradição dos grandes muralistas e pintores latino-americanos onde as cores atuam não apenas como elemento estético, mas como força narrativa das subjetividades de um povo.

Outro ponto central é a presença do corpo feminino como território político. Suas performances, exibem o corpo que para além da contemplação, labora a terra, traduz memórias e é resistência.

O gesto de lavar a terra com o próprio corpo cria uma metáfora poderosa da mulher nordestina que a despeito da história de submissão, abandono e invisibilidade social, afirma-se como força de potência no processo civilizatório. Assim, Lilian Moraes, com experiência vivida, pulveriza fronteiras entre estética e ativismo político, mas compreendendo a política como ação poderosa no ato de transformar.

A crítica a uma sociedade colonizadora, patriarcal e predadora, tem proximidade com a tradição contemporânea que rechaça a passividade da ausência de conteúdo; ela se substancia na estrutura formal da obra; cor, textura, espaço etc. É como uma portentosa geografia de um território declarado.

Sua produção alude e dialoga intensamente com debates contemporâneos sobre decolonialidade. Contudo, diferentemente de abordagens excessivamente teóricas ou discursivas, sua obra preserva uma dimensão sensível e espiritual. Os povos originários não aparecem como tema exótico ou representação folclórica, mas como presença ancestral ativa, ligada à terra, à memória e à resistência cultural.

Essa postura evita o risco da estetização vazia da dor histórica, porque a artista constrói um trabalho comprometido com escuta, pertencimento e consciência crítica.

Há ainda um aspecto importante na relação entre regionalidade e universalidade. Embora profundamente enraizada nas experiências do Nordeste brasileiro, a obra de Lilian transcende o contexto local ao abordar estruturas globais de opressão: colonialismo, misoginia, devastação ambiental e apagamento cultural. Isso explica sua potência de diálogo que flerta com espaços internacionais.

Criticamente, pode-se afirmar que a força maior de Lilian Morais está na coerência entre ética e linguagem. Sua obra não instrumentaliza causas sociais como tendência estética; ao contrário, faz da arte um espaço de elaboração simbólica da memória coletiva brasileira, uma espécie de para-laboratório. Seu pensamento não se traduz em frase de efeito, mas como síntese efetiva da sua fatura artística.



Trilha do Mercúrio

Acrília sobre tela • 230×140 cm • 2025

Trilha do Mercúrio é um delírio envenenado. A obra recria o monumento aos bandeirantes como um teatro de ilusão política e devastação concreta. Quadriculados e reluzentes, os algozes do passado e do presente se confundem. Mãos sujas de sangue e promessas douradas. Divindades lilases insurgem entre os vapores do mercúrio, enquanto corpos cromados denuncia o envenenamento das florestas, dos rios e das memórias. No lugar do real, balões metálicos e unicórnios: o lúdico como armadilha, como o discurso que promete futuro enquanto cava a cova. A mata atlântica cede lugar à monocultura do eucalipto, e o rastro da morte cintila, ironicamente belo. A obra pede licença a Jeff Koons para revelar, com espelho e veneno, o absurdo que nos adorna.



Erguido em pedra e bronze, o monumento a Borba Gato em São Paulo não representa um herói, mas sim um invasor que liderou expedições destrutivas, conhecido por escravizar indígenas e espalhar o terror por onde passou. Celebrá-lo é reafirmar a dor dos povos indígenas, é tatuar a violência no coração da cidade como se fosse um feito glorioso.

Não é sobre o passado que queremos esquecer, mas sobre o presente que insiste em silenciar. Não se trata de apagar a história, e sim de recontá-la com a dignidade que ela merece – pelo olhar dos que resistiram, dos que foram atacados e sobreviveram. Cada monumento como esse é um lembrete de como a elite brasileira insiste em romantizar seus algozes e ignorar os verdadeiros construtores dessa terra: os povos indígenas, os negros escravizados, as mulheres silenciadas.

É hora de reimaginar os espaços públicos. Que tal monumentos às lideanças indígenas assassinadas? Às mulheres que lutaram por justiça? Às comunidades que preservam a floresta e enfrentam a morte todos os dias?

Borba Gato não nos representa. Não há arte que justifique sua exaltação. Há, sim, arte para denunciá-lo – e é com ela que sigo.

Borba Gato

Acrília sobre tela
130×150 cm
2025

ANÁLISE CRÍTICA

Lilian Moraes e a resistência do corpo feminino

Wagner Lacerda: Multiartista e Professor Doutor – EBA/UFBA.

“O corpo torna-se território de denúncia.”

A obra de Lilian Moraes constrói uma narrativa visual e performática sobre a resistência feminina no Nordeste brasileiro. Ao abordar as chamadas “viúvas de maridos vivos”, a artista transforma abandono, ausência e violência estrutural em potência poética e política.

Texturas que evocam o relevo do artesanato popular, figuras atravessadas por padrões geométricos e o uso recorrente do xadrez criam uma simbologia ligada ao patriarcado, às estruturas de controle e à ausência masculina. O contraste entre os tons sóbrios do preto e branco e a intensidade cromática dos vermelhos, amarelos e azuis evidencia a tensão entre opressão e resistência.

Nas performances ***O Corpo que Lavra***, ***Criminalização da Misoginia*** e ***Prisão Perpétua para o Feminicídio***, o corpo da artista torna-se espaço de denúncia e memória. A violência contra a mulher, o abandono e a invisibilidade social aparecem não apenas como tema, mas como experiência incorporada.

Em ***O Corpo que Lavra***, o gesto de moldar o barro e lavrar a terra surge como metáfora da mulher que sustenta sozinha a estrutura do lar. A performance foi apresentada na XV Mostra de Performance da EBA/UFBA e posteriormente no Festival do Beju, em Irará (BA), reforçando a relação entre arte, território e experiência coletiva.

A relevância da produção de Lilian Moraes está em sua capacidade de articular memória, corpo e crítica social. Sua obra conecta questões locais a debates globais sobre gênero, violência e poder, utilizando pintura, performance, escultura, instalação e fotografia como linguagem de resistência.

Sua produção ultrapassa o campo individual para tornar visível a experiência coletiva de inúmeras mulheres historicamente silenciadas.



Palácio de Queluz

Acrílica sobre tela • 230×140 cm • 2024



Tabajaras
Acrílica sobre tela • 130×230 cm • 2025



Wauja resiste
Acrílica sobre tela • 240×130 cm • 2024

Lilian Moraes – Arte, ancestralidade e consciência contemporânea

Luiz Machado: Proprietário, marchand e curador da Gávea Galerie Paris.

A **Gávea Galerie Paris** nasceu com a missão de construir uma ponte entre a arte brasileira contemporânea e o cenário artístico europeu, valorizando artistas cuja produção ultrapassa o campo estético e dialoga profundamente com as questões humanas, culturais e ambientais do nosso tempo.

Nesse contexto, a escolha de Lilian Moraes para integrar o núcleo de artistas representados pela galeria aconteceu de forma natural e coerente com os princípios curatoriais que definem a identidade da Gávea Galerie Paris.

A obra de Lilian Moraes possui uma força poética singular, marcada por uma linguagem visual intensa, sensível e contemporânea. Sua produção revela domínio técnico, profundidade conceitual e uma rara capacidade de transformar memória, ancestralidade e natureza em experiências visuais de grande impacto emocional.

Suas pinturas não apenas encantam pelo refinamento estético, mas também provocam reflexão, criando um diálogo universal que aproxima o público europeu da riqueza simbólica e cultural do Brasil.

Outro aspecto fundamental em sua trajetória é o comprometimento com os povos originários, a preservação ambiental e a defesa dos direitos das mulheres.

Sua obra manifesta um olhar atento às cosmologias indígenas, aos saberes ancestrais e à relação espiritual entre corpo, terra e natureza, ao mesmo tempo em que denuncia o desmatamento, a violência e os impactos das monoculturas sobre os territórios tradicionais.

Em um momento histórico em que o mundo discute sustentabilidade, identidade e proteção ambiental, a arte de Lilian Moraes emerge como uma voz necessária — capaz de sensibilizar através da beleza, da memória e da potência simbólica de suas imagens.

A Gávea Galerie Paris entende a arte contemporânea como espaço de encontro, consciência e transformação. Nesse sentido, a presença de Lilian Moraes no cenário europeu representa não apenas a valorização de uma artista de excepcional qualidade, mas também a afirmação de uma produção comprometida com a diversidade cultural, a preservação da vida e a consciência ecológica.

Sua obra traduz a força criativa do Brasil contemporâneo e evidencia como a arte pode atuar como instrumento de conexão entre culturas e transformação social.



Coroa
Acrílica sobre tela
80×80 cm
2024

Defaunação
Acrílica sobre tela
150×150 cm
2024





Manto tupinambá

Acrílica sobre tela
150×150 cm
2024



Esconderam a história

Acrílica sobre tela
50×60 cm
2024

Decolonizando o Colonizador: Uma Jornada Epistemológica e Artística

Por Lilian Morais

Como artista visual, estou embarcando em uma jornada profunda e transformadora que eu chamo de “Decolonizando o Colonizador”. Este processo não é apenas uma reavaliação crítica das estruturas de poder que moldaram nossa história, mas também uma reconfiguração das formas como produzimos e valorizamos o conhecimento e a arte.

A decolonização epistemológica é o ponto de partida dessa trajetória. Por muito tempo, fui conduzida a pintar dentro dos parâmetros do eurocentrismo, onde as técnicas, os temas e as estéticas ocidentais eram considerados o padrão de excelência. Este modelo de arte, embora tecnicamente desafiador e historicamente significativo, negligencia e marginaliza as ricas tradições e saberes de outras culturas.

Meu trabalho atual busca romper com essa hegemonia. Estou me libertando das amarras do colonialismo cultural para abraçar e integrar as tradições artísticas e os conhecimentos visuais que foram historicamente subjugados. Esta mudança não é apenas estética, mas também epistemológica: estou questionando as hierarquias de conhecimento e redescobrimo a validade e a beleza dos saberes locais e indígenas.

Na prática, isso significa explorar novas formas de expressão e técnicas que refletem uma diversidade de influências.

A arte tem o poder de ser um agente de mudança e conscientização. Ao decolonizar minha prática artística, não estou apenas expandindo os horizontes do que considero belo e significativo, mas também participando de uma conversa maior sobre justiça social e reconhecimento de vozes marginalizadas. Este é um convite para que outros artistas e espectadores reflitam sobre as influências que moldam nossas percepções e valorizem a riqueza de uma abordagem mais democrática e inclusiva à arte.

“Decolonizando o Colonizador” é, portanto, uma celebração da diversidade e uma rejeição das limitações impostas pelo eurocentrismo. É um esforço contínuo para criar uma arte que seja verdadeiramente representativa e que honre todas as formas de conhecimento e expressão que contribuem para a tapeçaria vibrante da experiência humana.



2 de julho

Acrílica sobre tela • 260×130 cm • 2024



As lutas dos tupiniquins
Acrília sobre tela • 230×140 cm • 2024



Mais valia

Acrílica sobre tela • 200×120 cm • 2024

SÉRIE

Decolonizando o Colonizador

A série “Decolonizando o Colonizador” busca recontar a história do Brasil, revelando a verdade sobre sua colonização, e não descoberta, pelas potências europeias. A artista, através de uma pesquisa exaustiva e sensível, transforma suas pinturas em mapas simbólicos que denunciam o poder destrutivo do patriarcado, o apagamento da Mata Atlântica e a quase extinção das etnias indígenas.

- **Pinturas Quadriculadas:** representam o patriarcado, um símbolo retirado dos pisos dos salões maçônicos.
- **Figuras de Branco Azulado:** simbolizam o extermínio ou a quase extinção de árvores, animais e indígenas.
- **Vermelho:** denota as florestas em chamas, um grito visual contra a devastação ambiental.

Técnica: mista sobre tela, combinando pintura acrílica com relevos e elementos de texturas naturais.

Cada peça da série é uma reflexão sobre a história e uma denúncia sobre os efeitos duradouros da colonização.

A série indígena de Lilian Morais atravessa memória, território e resistência. Suas obras denunciam os apagamentos históricos causados pela colonização e pela exploração das terras e dos povos originários, ao mesmo tempo em que reafirmam a força ancestral indígena como presença viva e contemporânea.

As composições pictóricas são meticulosamente estudadas, explorando uma paleta de cores que abrange mais de trinta tons. Elementos visuais específicos são usados para transmitir significados profundos:

Entre camadas de cor, símbolos e expressões humanas, a artista constrói uma narrativa sensível e política, onde o corpo, a natureza e a identidade se tornam elementos inseparáveis. Sua produção dialoga com questões ambientais, feministas e sociais, revelando a violência histórica sofrida pelos povos originários, mas também sua permanência, espiritualidade e sabedoria.

Mais do que representar figuras indígenas, a série propõe reflexão sobre pertencimento, memória coletiva e a urgência de reconexão com a terra e com as raízes culturais apagadas ao longo da história brasileira.



O deserto do eucalipto
Acrília sobre tela • 230×120 cm • 2024



Árido Euclipto
Série decolonizando o
colonizador
Acrílica sobre tela
120×150 cm
2025

Pedro 1º
Série decolonizando o
colonizador
Acrílica sobre tela
130×100 cm
2025





Deserto Verde
Série decolonizando o
colonizador
Acrílica sobre tela
124×150 cm
2025



D. Pedro
Série decolonizando o
colonizador
Acrílica sobre tela
130×100 cm
2025



Amazonia
 Série decolonizando o colonizador
 Acrílica sobre tela
 150×124 cm
 2025

Amazonia em chamas
 Série decolonizando o colonizador
 Acrílica sobre tela
 150×124 cm
 2025





Currículo Artístico

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Pós-graduada em Arteterapia Junguiana.

Integrante do Corpo Discente do Campo Psicanalítico, com estudos em Psicanálise de orientação lacaniana.

Formação em Artes Visuais no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), com Almandrade, Caetano Dias, Edigar Oliva, Iza Monis, Waldo Robatto, Ayrson Heráclito e Zu Campos.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

2025 – **Insurgência** – Museu de Arte Contemporânea da Bahia (MAC Bahia), Salvador, BA.

2015 – **Bolo no Buzú!** – Palacete das Artes, Salvador, BA.

2015 – **Bolo no Buzú!** – Teatro ISBA, Salvador, BA.

2008 – **Exposição Individual** – Assembleia Legislativa da Bahia, Salvador, BA.

2003 – **Exposição Individual** – Faculdade Hélio Rocha, Salvador, BA.

2001 – **Exposição Individual** – Galeria Cinelli, Salvador, BA.

1997 – **Exposição Individual** – Centro de Amaralina, Salvador, BA.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

Internacionais

2026 – **Exposição Coletiva** – Gávea Galerie Paris – Paris, França.

2018 – **I Bienal Internacional de Arte Sacra Contemporânea** – Braga, Portugal.

2017 – **Exposição Coletiva** – Musée de l'Histoire Vivante – Montreuil, França.

2016 – **60^e Édition du Salon UAP** – Saint-Denis, França.

Nacionais

2026 – **RESPEITA** – Museu de Arte Contemporânea da Bahia (MAC Bahia), Salvador, BA.

2026 – **477 Anos da Cidade da Bahia** – Museu da Misericórdia, Salvador, BA.

2024 – **CASACOR Bahia** – Bahia Othon Palace, Salvador, BA.

2024 – **Casas Conceito** – Salvador, BA.

2022 – **100 Anos da Semana de Arte Moderna** – Casa Memorial Governador Régis Pacheco, Vitória da Conquista, BA.

2022 – **ME Ateliê de Fotografia** – Salvador, BA.

2020 – **Ocupação – Tortura do Regime de Exceção de 1964** – Salvador, BA.

2013 – **Cores da Bahia** – Convento do Carmo, Salvador, BA.

2010 – **Festival de Inverno da Bahia** – Vitória da Conquista, BA.

2002 – **Faculdade Hélio Rocha** – Salvador, BA.

2001 – **Centro de Convenções da Bahia** – Salvador, BA.

1998 – **Centro de Cultura** – Itabuna, BA.

1998 – **Panorama Galeria de Arte** – Salvador, BA.

1997 – **Galeria Cinelli** – Salvador, BA.

1996 – **Casa do Comércio** – Salvador, BA.

1995 – **Casa do Comércio** – Salvador, BA.

1995 – **Biblioteca Pública da Bahia** – Salvador, BA.

PERFORMANCES, INSTALAÇÕES E INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS

2025 – **Corpo de Lavra** – Performance – Irará, BA.

2025 – **XVI Mostra de Performance – Corpos Discentes: Resistência e Re-existência** – Galeria Cañizares, Escola de Belas Artes da UFBA, Salvador, BA.

2024 – **XVI Mostra de Performance – Terra: Organismo Vivo** – Galeria Cañizares, Escola de Belas Artes da UFBA, Salvador, BA.

2019 – **Pátria Má – Instalação** – Teatro Raul Seixas, Avenida Sete de Setembro, Salvador, BA.

2018 – **Todas as Formas de Amar – Performance** – Festival de Artes Cênicas, Largo das Forras, Tiradentes, MG.

2017 – **Azul com Tu** – Performance.

2016 – **Sentinela por uma Pinacoteca** – Ocupação artístico-performativa de 72 horas ininterruptas de criação, Rua das Laranjeiras / Palacete das Artes, Salvador, BA.

2015–2017 – **Mama Minha – Performance** – Centro de Cultura ABOCA, Salvador, BA.

2012 – **A Esterilização do Solo e a Morte do Camponês Baiano – Intervenção artística** – Praça 9 de Novembro, Vitória da Conquista, BA.

OBRAS PÚBLICAS E MONUMENTOS

A Camponesa – Escultura em aço (3 metros de altura) – Centro de Cultura de Conceição do Coité, BA.

Mãos que Acolhem – Escultura – Praça da Bíblia, Conceição do Coité, BA.

Luiz Gama – Busto – Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Bahia, Salvador, BA.

Francisco Gê Acaiaba de Montezuma – Busto – Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Bahia, Salvador, BA.

Dr. Eugênio Lyra – Busto – OAB Subseção de Itaberaba, BA.

ACERVOS INSTITUCIONAIS

Museu de Arte Contemporânea da Bahia (MAC Bahia), Salvador, BA – 1 obra.

Museu São Bartolomeu, Salvador, BA – 11 obras.

Museu de Kard, Vitória da Conquista, BA – 15 obras.

Igreja Nossa Senhora dos Mares, Salvador, BA – 12 obras.

PUBLICAÇÕES, CAPAS E PROJETOS EDITORIAIS

Livros

Incontornável Max – Jorge Novóia.

Loucuras Nossas de Cada Dia – Sonia Motta.

Caipira Sim, Trouxa Não – Soleni Biscouto Fressato.

Cinematográfico – Jorge Novóia.

Muxarabis – Vladimir Queiroz.

O Fazer Político da República na Bahia – Joaci Cunha.

Kairós – Vladimir Queiroz (Brasil, Itália e Romênia).

Abayomis – Vladimir Queiroz (2026).

Outros projetos

Capa do DVD Da Flor Serena.

Ilustração do Projeto Anual 2025 do Campo Psicanalítico – Salvador, BA.

1997 – **Obra vencedora do Concurso de Pintura da Escola de Administração do Exército (EsAEx)** publicada na capa da revista Turma Castro Alves.

PRÊMIOS, TÍTULOS E HONRARIAS

2018 – **Doutora Honoris Causa** – Université Libre des Sciences de l’Homme de Paris (ULSHP), 12 Rue de Chaligny, 75012, Paris, França.

1997 – **Premiada no Concurso de Pintura da Escola de Administração do Exército (EsAEx)**, Salvador, BA. A obra vencedora ilustrou a capa da revista Turma Castro Alves.

REPRESENTAÇÃO

Brasil – Galeria Acervo – Salvador, BA.

Europa – Gávea Galerie Paris – Paris, França.



Bateia parte de um objeto que atravessa o tempo. Interessa-me menos o que ele foi do que aquilo que ainda é capaz de carregar. Na pintura, as imagens não procuram reconstruir uma história, mas deslocar seus sentidos. Entre permanências e rupturas, o olhar é convidado a reconhecer aquilo que insiste em permanecer

Bateia
Série iconografia da ruptura
Acrílica sobre tela
180×130 cm
2026

Lilian Morais

 +55 71 99910-4641

 lilianmoraismarketing@gmail.com

 [@lilianmorais.art](https://www.instagram.com/lilianmorais.art)